

O STATUS DAS MULHERES ATENIENSES NO SÉCULO V: EVOLUÇÃO OU IMOBILISMO¹

Benjamin Diouf²

Resumo

Na Grécia, durante a época clássica, a mulher ainda não era um centro de interesse para os historiadores. No entanto, alguns deles, incluindo Heródoto em suas Histórias, dedicaram-lhe passagens em suas obras. As informações sobre as mulheres estão dispersas nos escritos deste período. Assim, muitos estudos modernos os têm percorrido para iluminar a vida da mulher grega. Este artigo visa contribuir para essas iluminações, fornecendo uma visão geral, muito mais ampla, sobre a condição da mulher em Atenas no século V, em comparação com a da época homérica. O leitor descobrirá as ocupações diárias da mulher (educação, fiação e tecelagem, moagem...) e seus relacionamentos com as leis da cidade (voto, herança...).

Palavras-Chave

Educação; gineceu; reclusão; dote; tecelagem; dependência; liberdade; tarefa.

¹ Tradução de Lucas Arantes Lorga – Mestrando em História com Bolsa FAPESP, número 2022/10825-6 – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: lucaslorga1@gmail.com. As passagens de obras de difícil acesso foram mantidas em sua tradução para a língua francesa, para que não resultasse na tradução da tradução. Já para as obras de fácil acesso, como *Odisséia*, *Ilíada* e *Econômico*, usamos traduções consagradas feitas para o português.

² Professor Assistente titular – Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Dakar, Senegal. E-mail: benjdiouf067@yahoo.fr.

Abstract

In Greece, during the classical period, women were not yet a focus of interest for historians. However, some of them, including Herodotus in his *Histories*, devoted passages to her in their works. Information on women is scattered throughout the writings of this period. Thus, many modern studies have gone through them to shed light on the life of the Greek woman. This article aims to contribute to these insights by providing a much broader overview of the status of women in Athens in the 5th century compared to the Homeric period. The reader will discover the daily occupations of women (education, spinning and weaving, milling...) and their relationship with the laws of the city (voting, inheritance...).

Keywords

Education; gynoeceium; recluse; dowry; weaving; dependence; freedom; task.

Introdução

Na Grécia antiga, o surgimento das cidades, cuja data exata não é unânime³, foi acompanhado pelo nascimento de uma autoridade coletiva. Esta autoridade foi exercida pela comunidade por meio de assembleias e magistraturas. Nessas novas *poleis*, um direito de cidadania foi estabelecido para afastar os estrangeiros de sua administração. Mas eles não foram os únicos excluídos. Em Atenas, a organização política transformou a cidade em um "clube de homens". O exercício dos cargos políticos e judiciais era exclusivamente reservado aos homens. Apenas cidadãos com vinte anos de idade poderiam participar das assembleias, votar ou serem eleitos aos serviços da cidade. Mas qual era, então, a situação da mulher ateniense nesta "nova" sociedade? Era ela semelhante a dos tempos homéricos? Para melhor entender essas questões, interessaremos-nos, por um lado, nas atividades cotidianas da mulher ateniense e, por outro lado, em seu status.

As atividades cotidianas da mulher ateniense

O cuidado das crianças

A vida diária da mulher ateniense durante o período arcaico não é muito bem conhecida, pois não foi objeto de escritos específicos. No entanto, algumas informações chegaram até nós sobre as possíveis ocupações femininas naquela época. O casamento era a maior realização na vida que a sociedade reservava para as mulheres. Ter um marido e merecer seu amor era o ideal para toda jovem quando considera-se que as grandes figuras femininas mencionadas pelos autores, como Hécuba, Helena, Clitemnestra, Penélope e Areté, são mencionadas em relação aos seus esposos. Estas são, certamente, rainhas que representam uma pequena parte das mulheres, mas não é menos verdade que seu casamento é uma vitrine das aspirações das massas populares femininas. Isso certamente levou Jean Pierre Vernant a escrever: "Le mariage est à la femme ce que la guerre est à l'homme : pour tous deux, ils marquent l'accomplissement de leur nature respective, au sortir d'un état où chacun participait encore de l'autre."⁴

Destinada ao casamento desde o nascimento, a jovem grega era instruída desde cedo por sua mãe para sua futura vida de esposa, sendo-lhe inculcadas virtudes conjugais e maternais como a *philostorgia* (ternura,

³ Orrieux C. & Pantel P. S., 2005, *Histoire grecque*, Paris, Quadrige, p. 55.

⁴ Vernant J. P., 1974, *Mythe et société en Grèce ancienne*, Paris, Maspero, p. 38.

afeto), a *kédemonia* (solicitude), a *eusébeia* (piedade), a *dikaiosynè* (honestidade) e também a *sôphrosunè* (modéstia, discrição) ⁵. Penélope é a personificação desses valores ancestrais que Homero destaca por meio de sua atitude virtuosa durante a ausência de Ulisses. Guardiã do oikos, ela demonstrou sua generosidade, moderação, discrição e fidelidade ao marido, que por muito tempo esteve ausente, apesar das tentações dos pretendentes.

Na Atenas do século V a.C., o lugar reservado para a mulher era também o lar. Toda jovem estava destinada a se casar e a gerir adequadamente seu lar. O casamento era, para a mulher, uma finalidade, uma fonte de prazer e realização. Por isso, as crianças do sexo feminino eram preparadas desde a mais tenra infância para a vida conjugal. As meninas eram educadas por suas mães conforme os valores sociais. A jovem ateniense adquiria desde cedo as virtudes cardinais que fariam dela uma cidadã e esposa exemplar. Ela era formada por sua mãe moralmente e fisicamente. Esta a formava nos valores femininos de antigamente, conforme enumerados por Brulé: a modéstia, a prudência, a discrição, a sabedoria, a moderação, a temperança, a sobriedade, a pudicícia e a castidade ⁶. Cada uma dessas qualidades é necessária tanto para a vida conjugal quanto para a social. Um lar estável e feliz não pode ser alcançado quando, por exemplo, a modéstia e a sabedoria estão ausentes. O mesmo se aplica a uma sociedade.

E o que dizer da castidade? Nos tempos de Homero, a fidelidade feminina era uma virtude cardinal. Nada poderia justificar ou fazer aceitar a infidelidade de uma mulher grega. A personalidade que Penélope encarna na Odisseia e o respeito que ela impõe aos seus pretendentes são devidos à sua fidelidade a um marido que ficou ausente por dez anos e foi considerado morto, da mesma forma o desprezo de Clitemnestra vem de seu relacionamento adúltero com Egisto. A rejeição ao adultério se explica pela preocupação de preservar tanto a honra da família quanto a legitimidade dos filhos. Era por isso que sanções severas eram infligidas à mulher infiel. Clitemnestra foi morta pela espada de seu filho, Orestes, por causa de seu relacionamento amoroso com Egisto que a levou a assassinar seu marido Agamêmnon: "Quant à la femme qui, telle Hélène ou

⁵ Proulx G., 2008, « Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens (V^e siècle av. J.-C. - II^e siècle ap. J.-C.) », thèse de doctorat en histoire, Université du Québec à Montréal, p. 260.

⁶ Brulé P., 1987, *La fille d'Athènes*, Paris, p. 342. Pierre Brulé elaborou essa lista explorando as imagens dos personagens femininos de Aristófanes, as epígrafes de mulheres de meia-idade e consultando Pircher J., 1970, *Das lob der Frau in vorchristlichen Gragepigramm der Griechen*, Diss., Innsbruck (dact.). Ces vertus forment la *sophrosuné*, la bonne éducation, que les femmes inculquent à tous les enfants dès le bas âge.

Clytemnestre, trahit son époux légitime, elle est condamnée. L'adultère de la femme est sans excuse, dans la mesure où il s'agit de préserver la légitimité des enfants." ⁷.

A fidelidade feminina esteve bem no coração das preocupações atenienses e na reforma de Solon. Em Atenas, a principal finalidade do casamento era ter uma descendência sobretudo masculina para perpetuar a linhagem e garantir sua pureza. No entanto, isso não poderia ser alcançado sem mulheres fiéis e jovens castas. Essa foi a única razão pela qual a vida sexual das cidadãs era monitorada e casas de prostituição foram criadas por Solon para satisfazer os desejos sexuais dos jovens e de alguns homens casados: " Ainsi des maisons de prostitution étaient établies à travers les villes [...] pour servir de dérivatif aux ardeurs des jeunes gens, pour protéger la chasteté des femmes libres et pour garantir ainsi la pureté de la descendance des citoyens " ⁸.

A casa ateniense era composta por dois apartamentos bem distintos para abrigar os residentes de acordo com seu sexo⁹. Essa separação, herdada da tradição, tinha o objetivo de evitar tentações sexuais entre homens e mulheres. O acesso de homens e meninos com mais de sete anos ao alojamento das mulheres, o gineceu, era estritamente monitorado. A jovem vivia lá com outras mulheres longe do olhar masculino para preservar sua virgindade. Heródoto¹⁰, ao se surpreender com a liberdade sexual das jovens trácias, que se uniam a quem desejavam, destaca essa preocupação em preservar a virgindade da jovem grega. Para manter a castidade das mulheres, várias sanções punem severamente o adultério, como esta lei de Solon: " Il permet de tuer celui qu'on surprend en adultère ; et le ravisseur d'une femme libre, lors même qu' il lui a fait violence, il ne le condamne qu'à une amende de cent drachmes." ¹¹

⁷ Mossé C., 1991, *La femme dans la Grèce antique*, Paris, Éditions Complexe, p. 15 -16.

⁸ Salles C., 1982, *Les Bas-fonds de l'Antiquité*, Paris, p. 17.

⁹ Estudos recentes refutam essa generalização da separação dos alojamentos. Ler a esse respeito Sebillotte Cuchet Violaine, 2017, « Familles et société à Athènes à l'époque classique : un éclairage par les études de genre. », *Pallas*, Hors-Série, p. 78 et <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01618996>

¹⁰ Hérodote, 1946, *Histoires V*, texte établi et traduit par Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 6.

¹¹ Plutarque, *Vie de Solon*, chapitre 23. http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/plutarque_uita_solon/lecture/23.htm. Sobre as leis, sanções ou vinganças infligidas aos culpados de adultério ou de violação de uma mulher livre, é necessário ler também Lysias, *Sur le meurtre d'Ératosthène*, 32 ; Démosthène, *Plaidoyers civils* LIX. *Contre Nééra*, 87.

Na Grécia Antiga, a mulher era, possivelmente, excluída da escola. As rainhas gregas, nos poemas homéricos, são retratadas sem qualquer menção à sua formação intelectual. Desconhece-se completamente se elas sabiam ler ou escrever, pois o domínio literário era exclusivo dos homens. Isso foi igualmente verdade no tempo de Péricles, quando a ocupação da mulher ainda se limitava às tarefas domésticas. No entanto, nesse período, nas famílias ricas ou pobres, a mulher ateniense não era alheia à educação intelectual de seus filhos, especialmente no momento em que os filósofos deram primazia ao conhecimento científico, especialmente à filosofia. O homem era frequentemente ausente de casa devido às campanhas militares ou atividades políticas, era a mulher que conduzia a criança ao gramático e geria sua formação com ele.

Aliás, a ideia da existência de uma mulher dispensadora de um saber intelectual às crianças não é de se excluir, mesmo que não conheçamos um texto que a mencione. O papel desempenhado por Safo em Lesbos na formação moral, religiosa e artística das jovens pode muito bem ter sido imitado por uma mulher menos famosa em Atenas. Além disso, houve na Grécia mulheres que exerceram profissões como a de médica, como revela esta estela funerária:

Anth. App., *Epigraphica sepulcra* 160.

Au IV^e siècle av. J.-C., Phanostratée qui était médecin et sage-femme à Acharnai en Attique. Concernant cette femme Phanostratée, nous avons conservé une stèle funéraire, datant de 350 av. J.-C., qui fait mention de sa profession, tout en faisant son éloge : « Μαῖα καὶ ἰατρὸς Φανοστράτῃ ἐνθάδε κεῖται, || [ο]ὕθενι λυπηρά, πᾶσιν δὲ θανοῦσα ποθεινὴ » La sage-femme et médecin Phanostraté repose ici. Elle n'a causé de tort à personne, mais tous pleurent son décès.¹²

A mulher permanece um elemento essencial na educação e formação das crianças. É ela quem passa mais tempo com elas, incutindo os valores indispensáveis à sua integração social e consolidando sua formação intelectual ao incentivá-las aos estudos. Sua preocupação continua sendo a boa educação que lhe é atribuída e que é uma riqueza imaterial inestimável, como atesta a conversa de Iscomaco com sua esposa¹³.

¹² Diouf P.M.H., Décembre 2022, « Conception et valeur des femmes *idiotai* et *euergetai* dans la société grecque antique », *Revue Africaine des Sciences de l'Antiquité Sunu-Xalaat*, Volume Numéro 2, p. 29. Ver também Geneviève Proulx « Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens (V^e siècle av. J.-C. - II^e siècle ap. J.-C.) », p. 179.

¹³ Xénophon, 1949, *Économique*, texte établi et traduit par Philippe Chantraine, Paris, Les Belles Lettres, IX.

A gestão do lar conjugal

As tarefas domésticas das gregas, durante as épocas arcaica e clássica, não foram muito mencionadas pelos autores. Mas como em todas as sociedades, era à mulher que se incumbia a manutenção da casa. Ela a varria frequentemente para mantê-la limpa e proporcionar um ambiente de vida agradável. Isso não deveria ser um trabalho fácil, pois a casa tinha no mínimo dois aposentos, sem contar os pátios. Além disso, a mulher era auxiliada por sua filha ou suas servas para concluir essa limpeza e realizar outras ocupações, especialmente o abastecimento de água potável para o lar. Ulisses, dirigindo-se à sua esposa Penélope, resume assim os trabalhos femininos:

Ora que já nos unimos de novo no leito querido, cuida dos bens, aqui dentro de casa, que deles sou dono. Enquanto às reses que os moços soberbos a rodo estragaram, hei de repô-las, pilhando rebanhos. Os próprios Aquivos hão de mas dar, té ficarem completos os nossos estábulos.¹⁴

A atribuição exclusiva dos trabalhos domésticos à mulher manteve-se durante a época clássica, como revela este trecho: "[...] o deus preparoulhes a natureza, a da mulher para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa"¹⁵. Acrescentemos a essas tarefas a lavagem das roupas sujas e a cozinha. Todos esses trabalhos mantinham a mulher em atividade do amanhecer ao anoitecer e a exauriam.

Sobre o assunto da cozinha, frequentemente é mencionado que a mulher não preparava a carne com frequência, mas sim o homem¹⁶. A dona de casa, se não tivesse uma serva, encarregava-se do cozimento dos legumes, "c'est-à-dire essentiellement des pois chiches, des fèves et des lentilles, ressource alimentaire importante pour la classe paysanne, moyenne et petite, avec le fromage et les figues sèches"¹⁷. No entanto, esse apoio tradicional que o homem oferece à mulher não esconde de forma alguma o cansaço que ela sente ao preparar uma refeição deliciosa para sua família. O molho evocado pelo autor desse comentário era acompanhado de uma

¹⁴ Homère, *Odyssée*, XXIII, 353 – 357. http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/homere_odyss23/lecture/7.htm.

N.T: As citações diretas da *Odisséia* serão traduzidas conforme versão em português tirada de: Homéro. *Odisséia*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

¹⁵ Xénophon, *Économique*, VII, 22. N.T: As citações diretas do *Econômico* serão traduzidas conforme versão em português tirada de: Xenofonte. *Econômico*. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹⁶ Pauliat G. A. & Pauliat M., 1997, *Civilisations grecque et romaine*, Paris, Ellipses, p. 321.

¹⁷ Mireaux E., 1954, *La vie quotidienne au temps d'Homère*, Paris, Librairie Hachette, p. 206.

massa de farinha preparada pela mulher. Ora, a transformação dos grãos de trigo em farinha era uma tarefa penosa. As mulheres usavam o moinho e o pilão para esmagar os grãos. Agachadas, gastavam muita energia, especialmente no inverno quando os grãos estavam pouco secos, para obter a quantidade necessária para o consumo familiar. Após a moagem, era necessário enfrentar o calor do forno para assar os pães ou bolos. Essa transformação do trigo em um alimento civilizado era feita tanto para as casas quanto para os templos. Cabia às jovens moer o grão usado para preparar os bolos dos sacrifícios oferecidos em honra das divindades tais quais Atena.

Outra tarefa à qual a mulher dedica boa parte do seu tempo e revela seu talento é a tecelagem da lã e a confecção das roupas. Todas as mulheres gregas sabem fiar a lã desde a puberdade, preparando-se assim para assegurar o vestuário de sua futura família. A Odisseia nos mostra, através do viés de Penélope, o fiar ao qual a mulher se dedicava quando tinha um pouco de descanso: "No mais recôndito soube engendrar o seguinte artifício: Tendo estendido no quarto uma tela sutil e assaz grande, pôs-se a tecer"¹⁸. O tecer é uma arte que a deusa Atena deu à mulher que a honrava praticando-a¹⁹. Por isso, todas as mulheres gregas se dedicam a isso, mesmo as rainhas que têm servas capazes de realizar esse trabalho. Atividade exclusivamente feminina, o tecer é, no entanto, apenas uma etapa de uma série de atividades que resultavam na fabricação de roupas e outros produtos de lã. De fato, as mulheres recebiam a lã dos carneiros que os homens ou elas mesmas tosquiavam. Em seguida, limpavam-na cuidadosamente para obter a melhor lã antes de passar ao fiar e à confecção das roupas e outros produtos que demandavam muito tempo e talento. Os produtos confeccionados eram geralmente oferecidos aos membros da família: "Agora volta para os teus aposentos e presta atenção aos teus labores, ao tear e à roca; e ordena às tuas servas que façam os seus trabalhos".²⁰

¹⁸ Homère, *Odyssée*, II, 96.
<http://remacle.org/bloodwolf/poetes/homere/odyssee/livre2.htm>

¹⁹ Hésiode, *Les travaux et les jours*, 64.
http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/hesiod_e_travaux_jours/lecture/2.htm

²⁰ Homère, *L'Iliade*, VI, 490-493.
http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/homere_iliad06/lecture/10.htm

Sobre esse assunto, ler Émile Mireaux, *La vie quotidienne au temps d'Homère*, p. 206 et Geneviève Proulx, « Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens (V^e siècle av. J.-C. - II^e siècle ap. J.-C.) », p. 179. N.T: As citações diretas da *Ilíada* serão traduzidas conforme versão em português tirada de: *Iliada*. Tradução Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Finalmente, a mulher grega tem a missão de gerenciar minuciosamente todos os bens da casa. O trabalho do homem se limita ao campo e à guerra. Essa repartição do trabalho entre os sexos é unicamente baseada na capacidade do homem de suportar os trabalhos mais pesados ou mais duros em comparação com a mulher. Essa ideia é apoiada por alguns filósofos, como Platão²¹. Esse argumento da divisão do trabalho não é convincente, pois as mulheres sempre suportaram a guerra, tanto quanto os homens, durante as campanhas militares ou quando a cidade estava em perigo. Na ausência dos maridos, aquelas que não tinham servos cultivavam os campos. E quando a cidade estava sitiada, as mulheres participavam dos trabalhos de fortificação, cuidavam dos feridos e abasteciam os soldados. Mas, de qualquer forma, o discurso de Ulisses a Penélope, que mencionamos anteriormente, e a conversa que Iscômaco teve com sua esposa²² são reveladores do papel crucial que a esposa desempenha para o bem-estar da família, pois a riqueza ou a pobreza desta depende em parte de sua gestão. Nesse diálogo, Iscômaco convida sua esposa a ser uma verdadeira economista, que sabe organizar seu lar e comandar suas servas para obter o melhor delas, à imagem da rainha das abelhas na colmeia.

O cotidiano da mulher ateniense do século V permaneceu praticamente o mesmo que na época homérica. Sua educação e atividades ainda são as de uma dona de casa. Ela deve ficar no *oikos* para supervisionar a educação virtuosa dos filhos e cuidar da gestão de sua casa. No entanto, essa centralidade do casamento, que fazia da mulher apenas uma dona de casa, deve ser relativizada hoje, segundo Sian Lewis²³. Aliás, mencionamos anteriormente a existência de mulheres médicas durante o período clássico.

O status da mulher ateniense

A ateniense, uma prisioneira em seu lar?

Para melhor apreciar a situação da ateniense, é necessário fazer uma pequena retrospectiva sobre a condição da mulher grega antes do advento do século V a.C. Os poemas de Homero nos descrevem uma mulher livre em seus movimentos tanto dentro quanto fora do *oikos*. As rainhas e princesas que ele menciona, como Penélope, Helena ou Nausícaa, não

²¹ Platon, *La République*, Livre V, 455c-455d, 451d, 453, 457-457b, 60d, 466c-467.

²² Xénophon, *Economique*, VII, 32-37.

²³ Frontisi -Ducroux F., 2004, « Images grecques du féminin : tendances actuelles de l'interprétation », *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, n° 19, p. 3. <http://clio.revues.org/650>

eram desprovidas de autoridade nem confinadas nos palácios. Dentro do gineceu, embora vivendo separadas dos homens e sob vigilância atenuada, as mulheres continuavam sendo as donas do lar. Elas dirigiam o trabalho das servas e supervisionavam a recepção dos hóspedes. Sua ausência nos banquetes era apenas física, pois alimentavam os assuntos de conversa dos homens. Além disso, juntavam-se a eles no final da refeição para participar das conversas, como foi o caso de Helena durante a visita de Telêmaco.²⁴ Elas recebiam e faziam visitas.

Eram donas de casa ocupadas com atividades domésticas, mas podiam sair livremente dos palácios sem acompanhante para assistir a espetáculos religiosos ou realizar certos trabalhos. Este é o exemplo de Nausícaa saindo para lavar roupa com suas servas:

Toma das rédeas brilhantes Nausícaa e, também, do chicote, para que as mulas pudesse espertar, que arrancaram ruidosas, a galopar velozmente, levando a donzela e os vestidos, mas não sozinha, que a pé outras servas ao lado a seguiam.²⁵

As mulheres homéricas eram rainhas ou princesas desfrutando de certos privilégios. Suas ocupações diárias e sua posição na sociedade não permitem ter ideias precisas sobre a vida das mulheres da classe popular, o que torna incompleta qualquer estudo sobre a mulher no tempo de Homero e no século V a.C.

Mas, como poderia ser a situação da mulher em Atenas no século V a.C.? Este período é considerado como aquele que consagrou a liberdade e a igualdade dos cidadãos com o advento da democracia. Mas infelizmente esta última não beneficiou muito o gênero feminino. As mulheres perderam a liberdade de ir e vir sem acompanhante. Viviam reclusas em seus gineceus onde se ocupavam durante todo o dia com os trabalhos domésticos, como atesta este comentário de Iscômaco sobre a infância de sua esposa: "Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo, ouvisse o mínimo e falasse o mínimo."²⁶ Estas palavras parecem revelar que a mulher ateniense daquela época era uma "prisoneira", já que seus movimentos eram vigiados. Ela permanecia enclausurada em casa o dia todo, pois o exterior era reservado exclusivamente para o homem, como atesta este fragmento 546 (Edmonds) de Menandro: " Une honnête femme

²⁴ Mossé C., 1991, *La femme dans la Grèce antique*, p. 19.

²⁵ Homère, *Odyssée*, VI, 82 -84.

²⁶ Xénophon, *Economique*, VII, 5.

doit rester chez elle ; la rue est pour la femme de rien".²⁷ Qualquer mulher que frequentasse a rua era malvista. Eram os homens ou os escravos que iam ao mercado fazer as compras da casa. As únicas ocasiões em que as mulheres saíam eram as festas religiosas, como as Panateneias, as Tesmofórias e as Dionísias. É por isso que a mulher ateniense pode ser facilmente considerada uma "prisoneira", já que a casa era o único espaço que a sociedade lhe reservava. Aliás, mesmo dentro dessa casa, ela era vigiada.

No entanto, não lhe faltava liberdade em relação à mulher da época homérica. A ateniense do período clássico passava boa parte de sua vida fora de casa. Se as mulheres das famílias abastadas podiam permanecer constantemente em casa, as das famílias pobres não podiam. Estas últimas eram obrigadas a trabalhar fora para suprir as necessidades de sua família. Saíam de suas casas para buscar água, lavar roupa, vender na ágora, trabalhar nas oficinas ou nos campos, serem amas de leite: "Même aujourd'hui, vous trouverez encore beaucoup d'Athéniennes qui font métier de nourrices. Nous vous les nommerons si vous voulez. Il est certain que si nous étions riches, nous n'aurions besoin ni de vendre des rubans ni de chercher des ressources pour vivre".²⁸

A ateniense, uma ignorada pelas leis?

Na Grécia antiga, os reinos, dos quais fala o poeta Homero, são todos dirigidos por homens. Mas a mulher beneficiava de uma certa autoridade por meio de seu marido, o rei, que podia, às vezes, confiar nela para obter sua opinião sobre certas questões. Isso é bem possível para dois apaixonados.

Aliás, embora os poemas homéricos falem apenas do poder masculino, alguns estudos modernos sugerem, hoje em dia, a existência de uma ginecocracia na Grécia antiga. Esta teria precedido a androcracia.²⁹ No entanto, muitos autores clássicos ignoraram esse aspecto da história grega.

²⁷ Byl S., 1991, « Le stéréotype de la femme athénienne dans *Lysistrata*. » In : *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 69, fasc. 1, Antiquité - Oudheid. p. 33. https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1991_num_69_1_3753

²⁸ Démosthène, *Euxithée contre Eubulide*, 35. <https://remacle.org/bloodwolf/orateurs/demosthene/eubulide.htm>

²⁹ Proulx G., 2008, « Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens (V^e siècle av. J.-C. - II^e siècle ap. J.-C.) », p. 13 - 14.

E alguns acreditam que essa falta de informações se deve aos homens desejosos de manter as mulheres sob sua dominação.³⁰

A Atenas clássica concedeu, em todo caso, direitos cívicos a todos os seus cidadãos. Todo cidadão, com idade de vinte anos ou mais e não sujeito à *atimia*, podia ser eleito por seus concidadãos para ocupar qualquer cargo no interesse de todos. Ele também podia participar das diferentes consultas da Eclésia e votar a favor ou contra os projetos de lei submetidos ao povo pela Bulé. No entanto, é bom destacar que esses direitos políticos eram concedidos apenas aos homens. As mulheres eram excluídas da política e dos tribunais, que eram atividades do exterior. Elas não exerciam nenhuma função política ou judicial.

As razões dessa discriminação são duplas e foram sustentadas por alguns intelectuais. Por um lado, desde que os homens tomaram o poder durante a formação das cidades, não pararam de mostrar a incapacidade da mulher de exercer uma autoridade e o perigo que a sociedade corria ao confiá-la a ela. Para os gregos, a mulher era uma menor, uma criança imatura que sempre precisava de seu tutor, o homem. A natureza não lhe deu as faculdades para exercer cargos políticos ou judiciais:

E a lei declara nobre aquilo para o que os fez mais capazes por natureza. Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora.³¹

Por outro lado, esses intelectuais sempre mostram em suas obras o perigo de um poder detido por uma mulher. Para ilustrar sua tese, recorrem à história para destacar a violência, os complôs e os assassinatos de mulheres no poder. É o exemplo das Amazonas que massacram povos e maltratam seus maridos (Diodoro da Sicília, Biblioteca Histórica II, XLV), de Clitemnestra que matou Cassandra e fez Agamenon ser assassinado por seu amante Egisto (Homero, Odisseia, XI, 420-424, 409 ou Eurípides, *Electra*, 911-950), de Tebe que mandou assassinar seu marido (Xenofonte, *Helênicas*, VI, 4.35-37) ou de Brauro que matou seu cônjuge (Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, IV, 107).

As leis do casamento também desfavoreceram o gênero feminino. Posta sob a tutela de seu pai desde pequena, a jovem não tinha direito de opinar sobre seu casamento. Em geral, era seu pai quem escolhia seu marido:

³⁰ Proulx G., 2008, « Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens (Ve siècle av. J.-C. - IIe siècle ap. J.-C.) », p. 17 - 18.

³¹ Xénophon, *Économique*, VII, 30. Lire également Platon, *La République*, Livre V, 455 c.

Dize-me, minha mulher, será que já pensaste por que te tomei como esposa e por que teus pais te entregaram a mim? Sei, e é evidente para ti, que não haveria dificuldade de achar outro com quem dormirmos. Eu refletia a meu respeito e teus pais sobre ti para ver quem escolheríamos como o melhor para a casa e para os filhos. Eu te escolhi e os teus pais, acho eu, dentre os maridos possíveis me escolheram para ti.³²

A mulher casada se juntava ao domicílio conjugal com seu dote, que era administrado por seu marido. Uma prova de que a ateniense continuava a ser considerada uma criança imatura que precisava estar, para seu bem, sob a dependência do homem. O esposo rentabilizava e geria os bens oriundos do dote sem prestar contas à sua esposa, que às vezes podia não se beneficiar dele. Isso fazia da mulher uma não-proprietária. A única vantagem que ela tirava de seu dote era a garantia do casamento, pois quando um homem repudiava sua mulher, ele devolvia seu dote: “En effet, aux termes de la loi, celui qui renvoie sa femme doit rendre la dot, sinon il en est constitué débiteur avec intérêt à neuf oboles; et en outre, le gardien légal de cette femme peut intenter pour elle une action en aliments, à l'Odéon.”³³ É por isso que alguns maridos evitavam se separar de suas esposas, especialmente quando o dote era muito elevado.

O sexo feminino não era tão beneficiado pelas leis de herança. A filha ateniense não recebia uma quantidade de partes igual à de seu irmão quando seu pai falecia. A lei de Gortina estipulava:

Si une personne meurt, les maisons de ville et tout ce qui se trouve dans ces maisons, et les habitations rurales qui ne sont pas occupées par un colon, ainsi que les moutons et le gros bétail qui ne seront pas la propriété d'un colon, appartiendront aux fils. Tous les autres biens seront équitablement partagés. Les fils, quel que soit leur nombre, prendront chacun deux parts ; les filles, quel que soit leur nombre, prendront chacune une part.³⁴

O espírito dessa lei ancestral foi mantido na legislação ateniense sobre a herança para as filhas:

Ainsi, quand il s'agit des biens du père ou du frère la loi leur donne droit à des parts égales, mais quand il s'agit de la succession d'un cousin ou d'une personne plus éloignée dans la parenté, il n'y a plus égalité. La loi attribue la proximité aux mâles, avant les femmes. Elle dit en effet : « les mâles et les descendants par

³² Xénophon, *Économique*, VII, 10 - 11.

³³ Démosthène, *Plaidoyers Civils XXXIII. Théomneste et Apollodore contre Nééra*, 47. <https://remacle.org/bloodwolf/orateurs/demosthene/neera.htm>. La dot n'était pas restituée lorsque la femme était répudiée pour adultère ou stérilité.

³⁴ *La loi de Gortyne*, texte, traduction et commentaire de M. R. Daresté en ligne sur <http://remacle.org/bloodwolf/lois/gortyne.htm>

les mâles seront préférés, pourvu qu'ils aient le même auteur [que le défunt], alors même qu'ils seraient à un degré plus éloigné.³⁵

Um exame minucioso dos dois trechos de lei que mencionamos mostra que é necessário excluir a propriedade fundiária dos bens dos quais as filhas podiam herdar. Sendo destinadas ao casamento, e assim fazendo parte de outra família, elas não podiam ser herdeiras de terras para evitar que estas escapassem da posse de sua família biológica. Aliás, é bom saber que, em geral, as mulheres não herdavam e não transmitiam seus bens aos filhos durante o período clássico. Apenas os filhos herdavam de seu pai porque eram eles que perpetuavam a família e seu culto. As filhas recebiam sua herança no momento do casamento, que era o dote dado por seu pai com o objetivo de protegê-las da necessidade.

Por outro lado, uma filha epiclera herdava o patrimônio paterno conforme a lei ateniense:

L'épiclérat désigne le statut juridique très spécifique qui est celui de la fille ou bien des filles, dépourvues de frère consanguin, soit que le père n'ait pas eu de fils, soit que ce fils soit décédé sans laisser de descendance, et qui se trouvent de ce fait, à la mort de leur père, seules héritières du patrimoine paternel.³⁶

Quando a órfã epiclera era jovem, sua herança era mantida e supervisionada por parentes próximos, mas também pelo arconte epônimo. Somente quando adulta, ela se casava com um de seus parentes próximos para ter filhos homens que herdariam o patrimônio do avô.

A situação bastante peculiar da mulher em relação às leis da cidade também se revela por sua incapacidade de litigar sozinha. Independentemente da injustiça de que fosse vítima, mesmo à vista e ao conhecimento de todos, a mulher não podia diretamente recorrer ao arconte para reivindicar uma arbitragem dos tribunais. Ela era obrigada a acionar a justiça por intermédio de uma terceira pessoa, seu tutor, pai ou irmão, para se fazer ouvir:

Athènes était une des cités grecques où la femme avait un kyrios, c'est-à-dire un représentant légal qui était responsable d'elle et qui parlait et agissait à sa place dans le domaine judiciaire : aucune femme ne parlait aux juges. Dans les

³⁵ Isée, VII *Plaidoyer sur la succession d'Apollodore*, 20. <http://remacle.org/bloodwolf/orateurs/isee/apollodore.htm>

³⁶ Scheid-Tissinier É., 2018, « L'épiclérat athénien. Essai de mise au point », *Cahiers « Mondes anciens »*, p. 1 journals.openedition.org/mondesanciens/1998

plaidoyers, la femme n'est jamais « je » ; l'adversaire disait « tu » non à la femme, mais au kyrios de la femme ; chez les orateurs, la femme est toujours « elle »³⁷.

Apesar dessas leis que mencionamos, a situação da mulher ateniense durante o período clássico não parece alarmante. Certamente, ela era excluída do jogo político, mas essa exclusão era, muitas vezes, apenas superficial. Acontecia que a mulher influenciava as decisões de seu marido detentor de poder. A influência exercida sobre Péricles por sua concubina estrangeira Aspásia certamente foi exercida por outras atenienses sobre seus maridos em algumas decisões políticas ou judiciais.

Além dessa implicação indireta das mulheres no exercício dos poderes, é interessante notar que ideias foram expressas durante esse mesmo período para denunciar a exclusão das mulheres dos cargos cívicos:

Se, porém, se vir que a diferença consiste apenas no facto de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e as suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções.

- E com razão.³⁸

Também podemos observar, na "*Econômica*" de Xenofonte, um início de mudança de mentalidade sobre a divisão do trabalho baseada no sexo. A conversa de Iscómaco com sua esposa convida os maridos a considerarem suas esposas como suas associadas.³⁹ E mesmo que esses pensamentos de Platão e Xenofonte ainda não reflitam a realidade nas relações entre gêneros, eles são um sinal de dias melhores para as mulheres.

No campo religioso, as mulheres estavam muito presentes. Elas eram muito engajadas nas atividades dos templos. As adultas organizavam as Tesmofórias, por exemplo, e as jovens eram dançarinas, arréforas ou alétridas nos templos dos deuses e deusas da cidade. Algumas delas foram

³⁷ Vial C., 1985, « La femme athénienne vue par les orateurs » in *La femme dans le monde méditerranéen. I. Antiquité*, Lyon, Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux, p. 48. https://www.persee.fr/doc/AsPDF/mom_0766-0510_1985_sem_10_1_2029.pdf

³⁸ Platon, *La République*, Livre V, 454 d - 454 e. http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/platon_republique_05/lecture/6.htm N.T : Versão portuguesa tirada de Platão. *A república*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 218-219.

³⁹ Xénophon, *Économique*, VII, 13.

sacerdotisas muito distinguidas. É o caso de Lisístrate, que, no século V, ocupou a função de sacerdotisa de Atena Polias durante 64 anos ⁴⁰.

Finalmente, nos planos financeiro e matrimonial, a situação real às vezes é diferente daquela relatada nos textos. O casamento era, certamente, a centralidade para uma ateniense, mas havia mulheres gregas solteiras que viviam em concubinato aceito pela sociedade. Estas eram sustentadas por seus amantes gregos que quase moravam em suas casas à vista e ao conhecimento de todos, como Mântias e Plângon. ⁴¹ Outras mulheres também possuíam dinheiro que as tornava independentes⁴², apesar da lei que lhes proibia possuir seus próprios bens.

Conclusão

As sociedades atenienses dos séculos V e IV a.C. atribuíram à mulher uma função muito específica, a de dona de casa. Ela devia apenas dar filhos ao marido para perpetuar a família e manter uma moralidade irrepreensível. Confinada em seu gineceu, a mulher se ocupava diariamente da educação dos filhos desde a tenra idade, conforme os valores cardinais da sociedade, e da gestão virtuosa dos bens do lar. No entanto, apesar do papel importante que desempenhava para a felicidade familiar e a prosperidade da cidade, ela era grandemente desvantajada, se não ignorada, pelas leis estabelecidas. A Atenas democrática havia excluído a mulher de sua vida política e judicial. Ela não tinha direitos de votar, herdar da mesma forma que o homem, gerir livremente seu dote e litigar em justiça. Todas as decisões sobre sua vida eram tomadas pelo homem, a quem devia total obediência e submissão. Essa é a situação social da mulher ateniense descrita na maior parte dos textos da época clássica.

Contudo, esses escritos tinham a intenção de manter e perpetuar o "clube dos homens" que Atenas havia se tornado. As informações muitas vezes não refletiam a realidade cotidiana das mulheres atenienses. Elas passavam, certamente, a maior parte do tempo no gineceu, ocupadas com

⁴⁰ Cuchet V. S., 2017, C., « Familles et société à Athènes à l'époque classique : un éclairage par les études de genre. », *Pallas, Hors-Série*, p. 83 et <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01618996>

⁴¹ Mossé C., *La femme dans la Grèce antique*, p. 47. Leia igualmente sobre esse assunto Agne D., 2001, « Les courtisanes et le concubinage (*pallakia*) : quelques remarques sur les conflits des ménages et la liberté des femmes au V^{ème} et au IV^{ème} siècles av. J.- C. », *Annales de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Dakar*, n°31.

⁴² A esse propósito, consultar Lysias, *Contre Philon*, 21 ou Démosthène, *Pour Phormion*, 14.

tarefas domésticas, mas elas não eram reclusas. Ativavam-se fora de casa para ganhar a vida ou participar de certas cerimônias religiosas. Sua exclusão do exercício do poder não as privou de todos os direitos. Elas podiam, por exemplo, herdar, litigar, mesmo que indiretamente, e ser sacerdotisas. É por isso que estimamos que a mulher ateniense do século V a.C. não tinha nada a invejar às mulheres do tempo de Homero.

Bibliografia

AGNE, D. Les courtisanes et le concubinage (pallakia) : quelques remarques sur les conflits des ménages et la liberté des femmes au Vème et au IVème siècles av. J.- C.. *Annales de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Dakar*, n. 31, p. 1-11, 2001.

BRULE, P. *La fille d'Athènes*. Paris, 1987.

BYL, S. Le stéréotype de la femme athénienne dans Lysistrata. *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 69, fasc. 1, Antiquité – Oudheid, 1991, p.33-43. https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1991_num_69_1_3753

CAGNAT, R. *À travers le monde romain*. Paris : Fontemoing et Cie, éditeurs, 1912.

CUCHET, V. S. Familles et société à Athènes à l'époque classique : un éclairage par les études de genre. *Pallas*, Hors-Série, 2017. <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01618996>

DEMOSTHENE. *Euxithée contre Eubulide*. <https://remacle.org/bloodwolf/orateurs/demosthene/eubulide.htm>

DEMOSTHENE. Plaidoyers Civils XXXIII. Théomneste et Apollodore contre Nééra. <https://remacle.org/bloodwolf/orateurs/demosthene/neera.htm>

DIOUF, P. M. H. Conception et valeur des femmes idiotai et euergetai dans la société grecque antique. *Revue Africaine des Sciences de l'Antiquité Sunu-Xalaat*, v. n. 2, Décembre 2022, p. 18 – 37.

FLACELIERE, R. *La vie quotidienne en Grèce au siècle de Périclès*. Paris, 1959.

FRONTISI-DUCROIX, F. Images grecques du féminin : tendances actuelles de l'interprétation. *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, n. 19, 2004, p. 2 - 8.

HERODOTE. *Histoires* V. Texte établi et traduit par Ph. E. Legrand. Paris : Les Belles Lettres, 1946.

HESIODE. *Les travaux et les jours*.
http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/hesiode_travaux_jours/lecture/2.htm

HOMERE. *Odyssée*.
<http://remacle.org/bloodwolf/poetes/homere/odyssee/livre2.htm>

HOMERE. *L'Iliade*.
http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/homere_iliad06/lecture/10.htm

ISEE. *Plaidoyer sur la succession d'Apollodore*.
<http://remacle.org/bloodwolf/orateurs/isee/apollodore.htm>

La loi de Gortyne. Texte, traduction et commentaire de M. R. Daresté en ligne sur <http://remacle.org/bloodwolf/lois/gortyne.htm>

LYSIAS. *Contre Philon*. https://www.persee.fr/docAsPDF/mom_0766-0510_1985_sem_10_1_2029.pdf

MIREAUX, E.. *La vie quotidienne au temps d'Homère*. Paris : Librairie Hachette, 1954.

MOSSE, C. *La femme dans la Grèce antique*. Paris : Éditions Complexe, 1991.

ORRIEUX, C. ; PANTEL, P. S. *Histoire grecque*. Paris : Quadrige, 2005.

NOUGIER R. ; FLACELIERE R. et al. *Histoire mondiale de la femme*, livre IV, 1965.

PAULIAT, G. A. ; PAULIAT, M. *Civilisations grecque et romaine*. Paris : Ellipses, 1997.

PLATON. *La République*, Livre V.
http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/platon_republique_05/lecture/6.htm

PLUTARQUE. *Thésée*.
http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/Plutarque_thesee/lecture/19.htm

PLUTARQUE. *Vie de Lycurgue*.
<http://remacle.org/bloodwolf/historiens/Plutarque/lycurgue1.htm>

PLUTARQUE. Vie de Solon.
http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/plutarque_uita_solon/lecture/23.htm

PROULX, G. *Femmes et féminin chez les historiens grecs anciens (Ve siècle av. J.-C. - IIe siècle ap. J.-C.)*. Thèse de doctorat en histoire, Université du Québec à Montréal, 2008.

SALLES, C. *Les Bas-fonds de l'Antiquité*. Paris, 1982

SCHEID-TISSINIER, É. L'épiclérat athénien. Essai de mise au point. *Cahiers « Mondes anciens »*, 2018.

VERNANT J. P. *Mythe et société en Grèce ancienne*. 1974.

VIAL, C.. La femme athénienne vue par les orateurs. In : *La femme dans le monde méditerranéen*. I. Antiquité. Lyon : Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux, 1985, p. 47-60.

XENOPHON. *Économique*. Texte établi et traduit par Philippe Chantraine. Paris : Les Belles Lettres, 1949.